

Leandro Gomes de Barros



OS MARTYRIOS DE CHRISTO



A ORPHÃ



Conclusão

À VENDA EM JABOATÃO

Rua da Colonia



Imprensa Industrial

Recife

Os martyrios de Christo

Depois do crime de Adão
Lucifer se apresentou
Dizendo: Adão não se salva
Porque como eu peccou
Porque não resulta a elle
O que a mim resultou?

Porem o anjo da guarda
Veio como defensor.
Disse Adão: é uma obra
Da propria mão do Senhor
Respondeu-lhe Lucifer:
Mas tornou-se peccador.

Eu tambem sou obra d'elle
Elle foi quem me formou
Quando foi fazer o mundo
Em seu lugar me deixou
Da forma que disse a Adão
Tambem me recommendou.

Porque Deus disse a Adão:
Todo fructo comerás
Reservou um e lhe disse;

— 2 —
Neste tu não tocarás
Pois transgredindo esta ordem
Cruelmente morrerás.

E Deus também disse a mim
Deixo este vaso sagrado
Não o toqueis: sobre pena
De depois ser condemnado.
Eu toquei mas na certeza
Que seria castigado.

Eu tinha ouvido a ordem
Que o senhor me tinha dado
Fiz pouco caso da ordem
Toquei no vaso sagrado
Depois o que resultou?
Fui por isso condemnado.

E Adão sabia disso
Porque meu exemplo viu
Para que comeu o fructo
Que o Senhor lhe prohibio?
F' peccador como eu
Porque na culpa cahio.

O anjo disse ao demonio:
Eu sei qual é teu destino
Tu foste feito por Deus
Porem Adão é mais fino
Porque a alma de Adão
Sahio de um sopro divino.

— 3 —
Disse o demonio: eu conheço
Que elle é privilegiado
Pois por essa alma d'elle
Ser Deus que a tenha inspirado
E' que elle não devia
Ter cahido no peccado.

O anjo vio que o demonio:
Vinha por fim o vender
Disse ao eterno: Senhor!
Eu nada pude fazer
Manda outro defensor
Que eu não pude o defender.

Da propria imagem de Deus
Vio-se outro Deus realçar
Dizendo: salve-se Adão
Que eu irei encarnar
Nascer, morrer cruelmente
Para esta culpa apagar.

D'ahi a quatro mil annos
Cumprio-se essa prophacia
De uma virgem immaculada
Que só para Deus vivia
Por obra do Espirito Santo
Della nascer o Messias.

Afinal nasceu Jesus
A alva da salvação
Nasceu como nasce um pobre

Sem ter de alguém protecção
Para nos dar o exemplo
E cumprir sua missão.

E viveu trinta e tres annos.
Sua vida era pregar
Curou muitos paralyticos
Fez cego a tudo enxergar
Até que chegou o dia
De tudo se consumir.

Jesus, o filho de Deus!
Padeceu por nosso amor
Ser preso como um ladrão
Sendo nos o bemfeitor
Que crime faz a ovelha
Que tira a vida ao pastor?

Na vespera que elle foi preso
Depois de terem ceiado
Lavou os pés dos apóstolos
Como se fosse um criado
Sendo elle o rei dos reis
Sujeitou-se a ser mandado.

Disse elle ahí aos apóstolos:
Que havia de ser trahido
Por um seria negado
E por outro era vendido
Que judas Iscariotes
Mostrou-se quasi offendido.

Sahio Jesus duas vezes
Ao lugar onde orou
Disse aos apóstolos: não durmam.
A terceira vez voltou
Judas ja tinha o vendido
E ahí o entregou.

Então levaram-no preso
A' presença de Caifaz
Tudo era contra elle
O accusavam de mais
Como si o filho de Deus
Fosse algum homem incapaz.

Caifaz interrogou-o
E Jesus ficou callado
Cousa alguma respondia
Sendo alli tão accusado
Ahi nessa occasião
Foi elle esbofeteado.

Ahi tiraram-lhe a tunica
Puzeram-lhe uma de mattos
E remetteram-no preso
A presença de Pilatos
Porque só o presidente
Podia assignar os autos.

Depois de muitas perguatas
Que lhe fez o presidente
Pilatos lavou as mãos

6
Dizendo: eu sou innocente
No sangue deste cordeiro
Que o accusam cruelmente.

Indo a mulher de Pilatos
Mandou a elle avisar
Mandou-lhe contar um sonho
Que o fez horrorisar
Dizendo: naquelle justo
Era mister não tocar.

Pilatos temendo o povo
Entregou-o aos phariseus
Teve mais mêdo do povo
Que do castigo de Deus
E lá foi Jesus soffrer
Sob o poder dos judeus.

Os escribas o pegaram
E o botaram na cruz
De tantos não houve um
Que fallasse por Jesus
Foi um dia de tristeza
No céu não houve uma luz.

As nuvens corriam pavidas
O universo tremeu
Os rouxinões não cantaram
O firmamento gemeu
O mar ficou todo em calma
Quando este caso se deu.

— 7 —
Era medonha a tristeza
Da virgem mãe de Jesus
Já quasi desanimada
Abraçando o pé da cruz
Já o rosto cadaverico
Os olhos mortos sem luz.

Exclamou Jesus: meu Deus!
Porque me desamparais?
Perdôa ao povo innocente
Porque não sabe o que faz
Inundavam-se as chagas
De sangue cada vez mais.

Disse Jesus: tenho sede!
Naquella grande afflicção
A sede não era d'agua
Mas sim era do perdão
O que passava-lhe a sede
Era nossa salvação.

Olhou ahi para o céu
E muito fraco dizendo:
Oh pai! olha o meu espirito
Que em tuas mãos recommendo.
Foi a penultima palavra
Que disse quasi morrendo.

E ahi fazendo um gesto
Ja tendo o sangue esgotado
Recommendo os apóstolos
Que alli tinham ficado

A ORPHA

(Conclusão)

Baixou a cabeça e disse
Está tudo consumnado.

Espalhou-se logo a nova
Por toda aquella Judéa
Quizeram guardar-lhe o corpo
Fasendo delle outra idéa
Depois deram o corpo delle
A José de Arimathéa.

E José de Arimathéa
Em uma pedra o sepultou
Alli passou sexta e sabbado.
Domingo resuscitou
D'ahi a quarenta dias
Jesus no céo triumphou.



Levou chuva a noite inteira
Quasi morre resfriado
Lembrou-se ahi de Mathilde
Ficou impressiouado
Pensou logo no phenomeno
Que com o cão tinha se dado.

Uma loba que achou-o
Debaixo da arvore cabido
Levou-o para um filhinho
Que a pouco tinha nascido
Mathilde andava caçand
Ouvii aquelle gemido.

Mathilde ahi viu a lôba
No lombo o ir carregando
Exclamou: oh! é um homem
Que esta féra vai levando.
Chegou ahi crocodilo
A lôba foi afrouxando.

Meu Deus! exclamou Mathilde
E' um pobre como eu
Talvez seja um desses pobres
Que a sorte não protegeu
Deus protege e é melhor
Já vê que nada perdeu.

O cachorro crocodilo
Quando o conheceu rosnou
Elle ahi abrindo os olhos
Muito baixo respirou
Mathilde conheceu elle
Com maior pena ficou.

Com um immenso trabalho
Ajudado pelo o cão
Mathilde ponde o levar
Para a sua habitação
Tratou d'elle e o poz bom
Disse ahi quem era então.

Disse: eu sou a infeliz
Que pediu-l' e uma pousada
Uma noute em que julguei
Que morria resfriada
O Senhor aconselhou-me
Para morrer enforcada.

Para que não me matou
Em vez de curar-me o mal?
Então respondeu Mathilde:
Deus me defenda de tal!
Só pode fazer assim
O Juiz universal.

O Senhor deve voltar
E ir a sua mulher
Peça-lhe que ella o perdôe

Ou faça o que bem quizer
E va ver se ainda prospera
Com o que ella tiver.

Sahio elle soluçando
Nada mais balbuciou
Ella fez uma oração
A Deus o encommendou
Ahi cuvio uma voz
Que o nome della chamou.

Mathilde tua oração
Foi ouvida do Senhor
Aquella alma infeliz
Não tinha um só protector
Era uma ovelha infeliz
Desgarrada do pastor.

Seguio D. Aquilino
So nisso muito entretido
Quando de subito foi
Por um lôbo accommettido
Dous caçadores salvaram-no
Ja elle muito ferido.

Levaram-no ao Hospital
Que a mulher era empregada
Quando ella o viu quasi cahe
Ficou tão penalizada
Que no praso de tres horas
Não podia dizer nada.

Elle dizendo a mulher
 Tudo que no bosque havia
 A creança que foi lá
 Que elle fez a tyrannia
 Disse: se não fosse ella
 Barbaramente eu morria.

De noite estava dormindo
 Sonhou que tinha morrido
 Ia em um campo de flores
 Um logar desconhecido
 Um anjo dizia a elle
 Estas quasi absolvido.

Elle pediu a mulher
 Todos os seus possuidos
 Para fazer uma casa
 E criar os desvalidos
 Que so ia trabalhar
 Para os desfavorecidos.

Trabalhou e fez a casa
 Ainda ajuntou riqueza
 Botou um letreiro grande
 — Casa do pai da pobreza
 Producto da caridade
 Inimigo da avareza.

Assim creou muitos orphãos
 Ensinou aos ignorantes
 Agregava aos miseraveis

Guiava muitos errantes
 Quem o visse não dizia
 Que era o avarento d'antes.

Mathilde na mesma vida
 Comendo so vegetaes
 Vestida com os cabellos
 Que eram grandes de mais
 Mas teve de lutar muito
 Nos braços de satanaz.

O demonio enfurecido
 Por perder o avarento
 Jurou que havia fazer
 De Mathilde um instrumento
 Que ella havia de pagar
 Aquelle arrependimento.

Transformou-se em um rapaz
 Foi visital-a no monte
 Quando Mathilde descia
 A beber agua na fonte.
 Quando viu Mathilde disse:
 Menina, agora se aprompte.

Apromptar-me para que?
 Para em nova vida entrar!
 Meu amo o principe Thádeu
 Precisa de se casar
 Quer uma menina joven
 Que não saiba o que é amar.

Então perguntou Mathilde:
Esse príncipe é immortal?
Não Snra. mas possui
A corôa imperial
Então, respondeu Mathilde,
Se elle morrer nada val.

Uma corôa que val
E' a do meu protector
Um governo universal
Um ser sem competidor
Sem pau, sem pedra, sem ferro
Vence seja la quem fôr.

Disse o tal moço: isso é caso
Que não se deve tratar
Estamos tratando na vida
O que se deve gosar
Nestes bosques uma creança
O que pode desfructar?

Aqui: respondeu Mathilde,
Minha vida é innocente
Minha alma aqui se deleita
Em Deus eu penso somente
As vaidades do mundo
São uma sombra apparente.

Os gosos dos potentados
Serão mais tristes que os meus
Isso são meus pensamentos

Cada qual que tenha os seus
Para mim não ha theatro
Igual as obras de Deus.

Eu fui orphã desvalida
Por todos desamparada
O pharol da providencia
Guiou-me uma larga estrada
Por ella nesta montanha
Vivo tranquilla e guardada.

Então, respondeu o moço,
Quem sabe se a divindade
Não é quem mostra esse príncipe
Para a tua felicidade?
Disse Mathilde: eu só sei
Feliz na eternidade.

Disse Malthide ao tal moço
E's o demonio está visto
Podes lutar contra mim
Mas eu sou forte resisto
Eu fui banhada no sangue
De meu Senhor Jesus Christo.

E olhando para o Céu
Exclamou: oh! meu Jesus
Já que soffreste por mim
Tantos martyrios na cruz
Livrai-me deste inimigo
Que a tres dias me seduz.

O demonio ahi fugio
Appareceu um clarão
Veio um anjo em uma nuvem
E lhe fez declaração
Tu venceste ao demonio
Ganhaste a salvação.

Fizeste o rico avarento
Tornar-se caritativo
Arrancaste-o do inferno
Onde elle estava captivo
Por tua causa o demonio
Hoje arde em fogo vivo.

Nisso deu-lhe uma vertigem
Mathilde ali expirou
O cão beijando-lhe os pés
A casa antiga voltou
Um vento brando e cheiroso
O corpo d'ella levou.

Jaboatão, 25—8—1906.



(169)

1001

1001

h

LGB